

# Capitais do Jaguaribe e Cariri Ocupam Posições da Anderson Clayton

As 6 horas em ponto o ônibus deixa Fortaleza rumo a Iguatu, no Vale do Jaguaribe. Serão 12 horas de viagem. Somos 50 pessoas num ônibus relativamente confortável. Mal o veículo se move, começa a funcionar o receptor de rádio, transmitindo músicas dolentes. Observa os passageiros. São mulheres e homens, a grande maioria jovens, vestidos com grande simplicidade. Quase todos com uma toalha de rosto passada ao pescoço. Logo adiante vejo a utilidade desta toalha quase infalível nos transportes do interior do Ceará: para limpar a poeira do rosto e das mãos, para cobrir o rosto quando passam as nuvens de pó lançadas por um veículo em sentido contrário.

A estrada asfaltada termina mais ou menos a uns 100 quilômetros de Fortaleza, nas proximidades da cidade de Rustal. Daí por diante corremos pela várzea do Jaguaribe atropetada pela mais bela das palmeiras: a carnaúba. Os carnavais se perdem de vista. Desde Carnajus vemos carnavais novos que oferecem aos olhos um espetáculo bellissimo com suas copas harmoniosas. São as plantações (antes eram inteiramente nativas) estimuladas pelos elevados preços dos últimos tempos.

As 9,30 paramos em Russos para tomar café e comer as mais famosas laranjas do Estado.

Depois o viagem vai se tornando monótona e cansativa, intercalada por um ou outro incidente pitoresco. Assim, no povoado de Peixe Gordo duas mãos interceptam a estrada ao ônibus com

uma corda alevantada. O ônibus obedece e pára. As mãos largam a corda e entram no veículo. Pedem esmolas para a capela de São Francisco de Assis que está sendo construída. Não parece uma capela e sim uma igreja, pelas suas proporções. Contrasta cheiosamente com as casinhas de taipa; emparrilha-se apenas com um pósto de gasolina de uma companhia estrangeira, logo adiante. São as duas potências locais. Repartem o domínio daquela gente pobre, de pés descalços, que no entanto tem outros senhores: as grandes proprietárias dos carnavais.

## Em Iguatu

As 18 horas estamos em Iguatu, centro econômico do Vale do Jaguaribe. Não é porém a carnaúba a sua fonte de rendas, e sim o algodão. Iguatu é o principal município algodoeiro do Ceará. As conversas giram em torno da safra deste ano, que se espera das melhores, uns 15 milhões de quilos. Vi as plantações à margem da estrada. Estão bonitas, as galhas de arbusto pendem ao péso das maçãs, em alguns sítios os capuchos desabrocham como flocos de neve.

Nos últimos anos o chamado caure branco dobrou quase a renda do município de Iguatu. De 14 e meio milhões em 1958 subiu para cerca de 24 milhões no ano passado e (segundo informações do exator estadual Ailton Pinheiro) deve elevar-se a 30 milhões este ano.

Indago sobre o tipo de propriedade predominantemente.

— A pequena e a média, respondem-me.

Mas tudo indica que, embora aquelas sejam a maioria, o poder da grande propriedade se mantém em toda a linha. Ainda existem no município grandes fazendas como a Mata Fraca, da família Gomes de Araújo (as famosas Pedra) com suas 2.400 braças, ou seja, aproximadamente uma légua; e Água Fria, com 1.200 braças, de Tebaldo de Costa; e Santa Clara, com 400 braças, de Chega Neves; e a ral do algodão local; e Jiqui, da família Marcelino, com 400 braças, além de outras com aproximadamente meia légua de fundo.

Estas grandes fazendas quase não pagam imposto territorial. Em cadastros alguns delas pela ridículo valor de 10 mil cruzeiros, quando na realidade podem ser avaliadas moderadamente — disse-me o exator — em um milhão de cruzeiros.

## Novidade de um ano

Em todo o Nordeste o ritmo de vida ainda é lento, moço, e ritmo de seu precário desenvolvimento. Per isso, certas notícias que no Sul já seriam coisa do passado, aqui ainda estão na ordem do dia. Os iguatenses com quem conversei gostam de falar num assunto que lhes é caro: a compra de usina de beneficiamento de algodão da Anderson Clayton que operava nesta zona e tinha suas filiais em Juazeiro e Crato. Há um ano aproximadamente foi vendida a capitalistas locais.

Essa usina era um dos tentáculos do poderoso truste norte-americano de algodão e do café. Centreleve não só o comércio como a cultura do algodão, ditava os preços, influenciava decisivamente na vida de milhares e milhares

de pessoas ligadas às plantações de algodão no Ceará.

Agora, suas instalações se encontram nas mãos de capitalistas locais. Em seu lugar fundou-se a ICASA (Indústria e Comércio de Algodão Sociedade Anônima), formada por capitalistas de Iguatu e do Cariri. Compra ela hoje grande parte da produção algodoeira da região. Seu capital atual é da ordem de 30 milhões de cruzeiros.

Depois da compra da Clayton, a ICASA, que beneficiava 1.600.000 quilos de algodão, passou a 4 milhões de quilos. Adquire o produto diretamente ao agricultor e o vende diretamente a grandes fábricas de Pernambuco, Minas, Rio, São Paulo e Paraíba.

## Fala um industrial

Encontro-me com um dos sócios da ICASA em Iguatu, o sr. Teodoro Germano, diretor da empresa nesta cidade.

Ele confirma estes dados e amavelmente me fornece outros:

— Per que a Clayton vendeu suas instalações aqui? — pergunto-lhe.

— Não está bem claro ainda...

— Que quantidade de algodão comprava?

— Uns 8 milhões de quilos.

— Uma vez que a ICASA compra apenas metade, para onde vão as outras 4 milhões?

— Para a usina de Eliseu Batista, em Orós.

No entanto, a produção algodoeira somente de Iguatu, este ano, é estimada em 15 milhões de quilos. Diante de uma safra de tais proporções, prevê-se uma queda nos preços.

Outra pergunta:

— A Clayton abandonou todo o Nordeste?

— Não. Permanece em Patos, na Paraíba, onde tem grandes instalações e inclusive uma usina de extração de óleo e de onde continua a influenciar e comércio de algodão dos demais Estados nordestinos.

Indago das relações de produção dominantes na cultura algodoeira local. Obtenho a seguinte resposta de que se trata da maior. Mesmo as grandes fazendas ou as fazendas ricas harmonizam o sistema de meio e do salário. O salário é miserável: 50, 60 cruzeiros por dia. Alguns fazendeiros exigem do meiro que lhe vende a sua parte da safra. É a falta de transporte barato este não tem outro remédio que submeter-se à vontade do dono da terra.

## A qualidade do algodão

Um problema sério na cultura algodoeira do Ceará — mas particularmente de Iguatu — é um grande retardamento na melhoria da qualidade do

## RUI FAÇU

produto. Ainda predomina o algodão de fibra curta, o herbáceo, sendo mais raro o de fibra longa, o «mocó».

Pergunto a várias pessoas o motivo dessa persistência no cultivo de uma qualidade inferior. A resposta em geral não convence:

— É que o meiro prefere o herbáceo.

Não se explica por que. Depois, nas demoradas conversas, é que sabemos de uma particularidade importante: o herbáceo produz rapidamente, logo no primeiro ano, enquanto o «mocó» só dá com dois, três anos. E como a grande maioria dos plantadores de algodão não têm terra, são meiros, não possuem nenhuma garantia de que farão nem sequer a primeira colheita do fruto de seu trabalho. Preferem portanto o algodão da pior espécie, pois este produz mais cedo, atende suas exigências imediatas, assegura-lhes pelo menos uma safra.

Alí temos um exemplo e mais de como o monopólio da terra é um obstáculo à simples melhoria dos cultivos.

Mas há outro motivo: os usineiros beneficiadores que compram o algodão em caraca pagam a ridícula taxa de 5 cruzeiros pelo mocó sobre o herbáceo; a diferença é de 25 cruzeiros a quilô para este e 30 cruzeiros para aquele.

## Um homem empreendedor

O industrial Eliseu Batista, de quem me tinha falado Teodoro Germano em Iguatu, vou encontrá-lo na cidadezinha de Orós, próximo ao grande açude.

Sua fábrica domina a cidade. Visita-o também em companhia de seu amigo e antigo colega de Liceu, o médico Humberto Gouveia. Numa tarde nordestina ensolarada e quente, em meio a montanhas de pedra e nuvens de poeira, ele me recebe num escritório que funciona com ar refrigerado. Que alívio para o nosso cansaço e a calor que nos banha em suor!

Começamos a conversar sobre algodão, sua cultura e indústria local.

Eliseu Batista, homem de uns 45 anos, estatura média, tez morena, fisionomia tranqüila mas decidida, me conta em breves palavras a história da fábrica que encravou naqueles arcos. Em 1946 comprou uma simples prensa de algodão. Trabalhava com alguns milhares de quilos. Ampliou gradativamente suas instalações. Construiu mais tarde uma nova unidade: de extração de óleo do algodão. Depois, uma terceira, para fabricação de sabão aproveitando o óleo. Está concluída uma quarta unidade: a fábrica de óleo comestível. Importou técnicas do Rio e São Paulo para a ampliação de sua empresa. Lá encontrou um operário caldeireiro, João Rodrigues de Melo, ganhando 70 cruzeiros por hora e trabalhando como um mouro: ele próprio me disse — 13 e 15 horas por dia e Ge-



## Infância trabalhadora

A cena que a foto nos apresenta, com uma criança colhendo algodão, é comum na lavoura brasileira, onde todos são obrigados a empunhar a enxada para poder comer.

época de safra fazem extraordinário. Alguns são acionistas da empresa.

A uma pergunta que lhe dirijo sobre a preferência do agricultor meiro pelo herbáceo, Eliseu Batista confirma que isto se deve à falta de terra garantida ao trabalhador rural. Ele não sabe se plantando o algodão de fibra longa conseguirá colhê-lo.

Pergunto-lhe ainda sobre a venda das usinas da Anderson Clayton.

— Eis a resposta textual de Eliseu Batista:

— O que a Clayton vendeu era sucata.

Mas acrescenta que ela não fez nenhuma falta. Nem a cultura nem o beneficiamento de algodão no Ceará foram abalados pela sua saída. Enquanto os usineiros locais financiam as culturas, e Clayton não as financiava. Quanto à SANBRA, não tem nem preço.

Opino Eliseu Batista que a facilidade dos transportes rodoviários — não obstante o mau estado das rodagens — colocou em pé de igualdade as empresas de capitais nacionais do Nordeste com as companhias estrangeiras, Clayton e SANBRA.

Em síntese, os capitalistas do Jaguaribe e do Cariri estão gradativamente ganhando terreno na competição com o capital estrangeiro que vem explorar as riquezas locais. Um industrial como Eliseu Batista passa hoje por cima de Clayton e vende seu algodão diretamente a países da Europa e a industriais do Sul.

Iguatu (Ceará) — agosto — 1960.

## «O diabo

é meu

amigo»

Anunciada desde 1958, deve ser lançada dentro em breve pelo Serviço Nacional de Teatro a peça de Milton Pedrosa **O Diabo é meu amigo**. Ainda este ano será também levada à cen...

A propósito, anuncia-se que o conhecido contista vai processar a empresa cinematográfica inglesa J. Arthur Rank por ter utilizado o mesmo título num filme já nos cartazes do Rio. O autor da peça teatral pretende acionar a referida empresa judicialmente, sustar a exibição da película e reclamar uma indenização por apropriação indébita.

## Dia 6, na ABI:

Marxismo e

Existencialismo

Sob o patrocínio da revista «Estudos Sociais», o jornalista Jacob Gorender proferirá na ABI, às 20 horas do próximo dia 6 de setembro, uma conferência sobre o tema: **Marxismo e Existencialismo**. A entrada será franca.

# Carta do Sertão

Presidente J.K.:  
fará só trinta e dois dias  
pro Marechê Texeira. Lote  
tumá conta de Brasília.

O zaré de Mato Grosso  
sabe qui tá derrotado.  
Há um jeito pra Ademá  
dá seus voto ao Marechê  
para ficá bem vingado!

O dinhérra dos banqueiros  
foi péss pra transação.  
Tá na hora, seu deuté,  
de serví nossa Nação  
volando im gente qui presta  
pra derrotá «tubarão».

Marechê Texeira. Lote  
foi quem si fez Presidente.  
Como Ministro da Guerra,  
horrado, bom e valente,  
mandô o «bispo» sai  
pra vassalém subí  
intello pru nossa gente.

Pur éssas feitas briante  
nesso louvê mareco.  
O deuté vai l'intregá  
aquilo qu'êlle li deu.

Venha para Praça pública  
pra dist grua brasileiro:  
vatem no Marechê!  
Valeroso e Justelero!

Quantas vez, o Generá  
arriscando a sua vida  
vêi cumprí o seu devé  
pra liberdade se té  
im nessa terra quirlida.

Venha deuté Justelero!  
Com ou sem PSD,  
pra serví nossa Braç  
dos garço da UDN,  
Meô «lente» qui fez  
munta gente vai fazê.

Deuté Sarje Magalhães  
ingenhêrra de valé,  
pericla no dia TRSS  
sê nosso Governadé.  
Arguem vai té compaxão  
de vê morré «tubarão»  
nas mão dum bom pescadé.

Venha deuté Justelero!  
lacrancé nossa gente.  
Basta vim e profereô  
qui Lote fez Presidente!

O Poeta Vaqueiro

## COMO VOTAR:

# Número do Candidato ao Lado do Partido

O eleitor da Guanabara votará com duas cédulas nas eleições de 3 de outubro próximo: uma primeira cédula única, para Presidente e Vice-Presidente da República e Governador do Estado, e uma segunda cédula única, para Deputados à Assembleia Legislativa, sendo que nesta o voto ao candidato será dado com a inscrição do respectivo número, no retângulo ao lado da legenda de seu Partido.

No que se refere à primeira, como se sabe, não há novidade alguma. No retângulo ao lado dos nomes dos candidatos e eleitor, como das vezes anteriores, apenas assinalar com uma cruz os candidatos de sua preferência. E estará tudo feito.

A votação para Deputado pode parecer difícil à primeira vista. Mas, com um mínimo de atenção os dúvidas desaparecem. É isto porque o Tribunal Eleitoral vem cuidando de simplificar ao máximo a aplicação de suas instruções sobre o assunto.

## A ordem dos partidos

Assim, de acordo com a ordem cronológica dos registros dos Partidos, a cédula única para o Constituinte será encaminhada pelo Partido Social Democrático Nacional, Partido Republicano, Coligação Nacionalista (PRP-PSD), Partido Trabalhista Brasileiro, Partido Democrata Cristão, Partido Republicano Trabalhista, Partido Social Progressista, Partido Socialista Brasileiro e Partido Trabalhista Nacional.

## Os números dos candidatos

No retângulo que antecede, na cédula única, cada uma dessas legendas, o eleitor, na cabine indevidável, indicará o número de seu candidato a Deputado.

Os números dos candidatos, já fixados pelo Tribunal Eleitoral, são de 101 a 500, e obedecem à mesma ordem. Assim os candidatos de PSD são os de números 101 a 140; de UDN, de 141 a 180; de PR de 181 a 220; de PRP, de 221 a 260; de PTB, de 261 a 300; de PDC, de 301 a 340; de PRT, de 341 a 380; de PSP, de 381 a 420; de PSB, de 421 a 460 e, finalmente, de PTN, de 461 a 500.

## Equívocos

Embora as instruções sejam claras, são previstos também os equívocos, como, por exemplo, ser assinalada no retângulo ao lado da legenda de um partido e número de um candidato de outra agremiação política. Neste caso, o voto dado ao candidato será anulado, valendo no entanto para o candidato que figura na mesma linha.

Também o eleitor pode votar apenas na legenda, assinalando, neste caso, apenas uma cruz no respectivo retângulo.

## Detalhes

Ainda de acordo com as instruções baixadas pelo Tribunal Eleitoral, o

eleitor admitido a votar apresentará, com o seu título eleitoral, a cédula de que se houver munido, o presidente da mesa receptora, e qual, verificando estar a cédula em ordem e não assinada, depois de, nesse ato, rubricá-la com as mesárias presentes e dar-lhe o número correspondente (séries de 1 a 9) e devolverá ao eleitor para que, na cabine indevidável, escreva no retângulo o número correspondente ao candidato de sua escolha.

A cédula em referência constituirá a própria sobrecarta, de modo a resguardar-se o sigilo do voto, devendo as rubricas ser apostas na parte externa.

Se o eleitor não apresentar cédula, que também poderá ser impressa e distribuída pelos Partidos, o presidente da mesa entregará-lhe a cédula distribuída pela Justiça Eleitoral.

O presidente da mesa também entregará ao eleitor a cédula distribuída pela Justiça Eleitoral, e o votante apresentará cédula já assinalada ou com vícios outras que comprometam o sigilo do voto, ou ainda que não correspondam ao modelo adotado oficialmente. Nessa hipótese, o presidente da mesa retornará a cédula apresentada pelo eleitor, inutilizando-a em seguida.

Ao entregar ou restituir a cédula ao eleitor, o presidente da mesa receptora mostrará-lhe antes aos fiscais de partido presentes ao ato, para que possam verificar se está conforme as instruções.

A rubrica da cédula em outra oportunidade que não a da entrega ou res-

tituição da mesma ao eleitor, no ato de votar, constitui o delito previsto no item 19 do art. 175 do Código Eleitoral.

Ao depositar a cédula na urna, o votante deverá fazê-lo por maneira a mostrar a parte rubricada à mesa e aos fiscais de partido presentes.

## NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves  
Gerente — Guttemberg Cavalcanti  
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.

Secretário — Fragner Borges  
REDATORES  
Rui Faço, Paulo Moça Lima,  
Marta da Graça, Luís Gullarhini,  
MATEIZ

Redação: Av. Rio Branco, 237, 11º andar, S/1112 — Tel: 45-2344  
Gerência: Av. Rio Branco, 237, 9º andar, S/905

SECUNAL DE S. PAULO  
Rua José Bonifácio, 29 — 10º andar — S/ 103  
Tel: 37-32 64  
Endergo telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS	
Anual	Cr\$ 250,00
Semestral	» 130,00
Trimestral	» 70,00
Abrea anual, mais	Cr\$ 100,00;
semestral, Cr\$ 50,00; trimestral,	Cr\$ 30,00.
Número avulso	Cr\$ 3,00
Número atrasado	» 8,00